



“COMO VOU DIZER ISSO?”: A QUEBRA DO SILÊNCIO FAMILIAR DIANTE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA INFANTIL NO FIM DA VIDA.

Eixo Horizontal: EH9: SUÍCÍDIO, MORTE E LUTO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Ramessa Florêncio Pereira da Silva Tenório;

INTRODUÇÃO: A comunicação infantil em cuidados paliativos é um dos grandes desafios vivenciados pelos familiares, tornando-se mais complexa quando existe o agravamento da doença e o paciente encontra-se inconsciente, no processo de fim de vida. Permeados de desconforto, muitos adultos não sabem lidar com a situação já que visualizam a morte distante do universo infantil e, por achar que a criança não entenderia, desviam o assunto ou contam mentiras. Essa falta de informação impede a vivência e elaboração do luto antecipatório e contribuem para a formação de uma visão distorcida da morte e criação de sentimentos de medo e culpa. Neste contexto, o psicólogo busca ofertar suporte aos familiares, orientar e auxiliar no processo de diálogo infantil e trabalhar as repercussões deste. **OBJETIVO:** Apresentar o desenvolvimento e desdobramento do processo de comunicação de terminalidade para uma criança diante intervenção psicológica. **MÉTODO:** Relato de experiência de intervenção psicológica em atendimento domiciliar à familiares de paciente no fim da vida. **RESULTADOS:** No atendimento realizado à genitora, irmã e ex-marido da paciente, surgiu a demanda de informar à filha, com 11 anos, sobre a ausência de perspectiva de cura e a iminência de morte de sua mãe. Realizou-se primeiramente, atendimento aos adultos abarcando as principais preocupações envolvendo a menor, elucidando dúvidas quanto ao processo comunicativo, realizando orientações acerca dos benefícios da comunicação e explanando as especificidades da elaboração infantil. O diálogo com a criança ocorreu com a presença dos familiares e da psicóloga, através de linguagem adequada e comunicação clara com informações verdadeiras e honestas respeitando a capacidade de sua compreensão. Ofertou-se abertura para esclarecimentos, escuta sensível que favoreceu a expressão dos sentimentos e compartilhamento empático de emoções por parte dos familiares. Ao final, propôs-se a oportunidade de despedida da genitora, que foi acatada pela menor e realizada com acompanhamento do pai. Em seguida, a criança retornou apresentando episódio de choro, presente desde o início da comunicação, mencionando lembrança de declarações de afeto e orientações pós morte que sua mãe havia feito dias anteriores sendo acolhida e confortada pela tia e avó. Duas horas após a despedida, a paciente morreu. **DISCUSSÃO:** Dialogar com a criança sobre a morte não é tarefa fácil. Além da necessidade de protegê-la, implica no adulto defrontar-se com sua própria finitude, medos e ansiedades. É pertinente ressaltar que os familiares que comunicam também estão sofrendo e, portanto, necessitam de apoio tanto quanto a criança. Assim, o atendimento promoveu suporte psicológico aos adultos e os conduziu para uma comunicação com a criança que permitiu iniciar um processo do luto de forma mais saudável, fortalecendo recursos psíquicos de enfrentamento a fim de que a perda pudesse ser incorporada de modo não paralisante, permitindo um reinvestimento na vida. **Conclusão:** A experiência mostrou que o impacto emocional está mais ligado ao estilo de comunicação que à informação que se transmite, a criança tem capacidade cognitiva para compreender a morte e é papel do psicólogo prezar por uma comunicação adequada visto que esta é vital para um processo de luto infantil natural.